

A PRESSA NOSSA DE CADA DIA: TEMPO E ESPAÇO NA VIDA URBANA MODERNA

De: José Machado PAIS

Lufa-lufa quotidiana: ensaios sobre cidade, cultura e vida urbana. Lisboa: Editora do ICS, coleção Breve Sociologia, 2010. 227 páginas.

Por: Irllys Alencar F. Barreira

Doutora em Sociologia, professora Titular do Departamento de Ciências Sociais e Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Ceará.

Inicialmente, é importante analisar o significado da expressão *lufa-lufa*, que nomeia o livro, presente na linguagem da sociedade portuguesa, mas pouco usual no Brasil. O título pode ser substituído pelo termo “corre-corre”, evocando o sentido da pressa associado aos malabarismos enfrentados diariamente pelo morador urbano para realizar trajetos da casa ao trabalho.

O mérito da investigação que dá subsídios à obra caracteriza-se pela abordagem original e inovadora que se apresenta na forma sensível de observar e tematizar a vida cotidiana. O livro de Machado Pais, que integra a coleção *Breve Sociologia*, se inicia com uma reflexão sobre o tempo, ou melhor, a “falta de tempo” característica da sociedade urbana contemporânea.

É essa dificuldade de equacionar as atribuladas agendas que modula o agir recorrente de indivíduos, em permanente tentativa de evitação do caos e busca de compatibilidade de participação e conciliação de atividades.

A estratégia de regulação do tempo invade também o circuito da vida privada, refletindo-se no “amor depressa mal feito fazer a barba e partir”, já sinalizado na música de Chico Buarque, *Deus lhe pague*. A condição urbana não se restringe, entretanto, ao operário sinalizado pelo compositor brasileiro, pois o tempo na cidade impõe sua lógica inexorável a todos os habitantes. Define um ritmo, um comportamento e também um modo de pensar que fundamentam a abordagem do livro: “Tomando a cidade como objecto de reflexão, levanto a hipótese

de dissensão entre o mundo cifrado das políticas culturais, o mundo dos constrangimentos reais e o mundo imaginário de desejos por realizar, incluindo os sonhos de consumo” (p. 17).

O tempo é também expressão de uma história, havendo sido anteriormente marcado por rituais (o toque do sino) que organizava as atividades da vida coletiva, sendo depois substituído pela contabilidade abstrata do relógio que regulou a produção e o circuito de mercadorias presentes na sociedade industrial.

O livro de Machado Pais segue a tradição de suas investigações, emblemáticas e singularizadas pela aliança entre ensaio e pesquisa. A observação do cotidiano é considerada pelo autor como um lugar de sintomas, pois é nos sinais da vida do dia a dia que a abordagem sociológica tira sua matéria prima, tal como fizeram os pintores impressionistas na construção de suas obras. As reflexões de Simmel, Walter Benjamin e Lefebvre, para citar alguns clássicos, servem de referência a uma “escuta” da vida social, em sua profusão de manifestações e ritmos, nem sempre compassados.

Em que consiste uma observação da vida urbana baseada no cotidiano? Na percepção de Machado Pais, o cotidiano é uma alavanca metodológica do conhecimento sobre a cidade. Opondo-se a uma concepção estática baseada exclusivamente em números ou estruturas fixas, o autor destaca o movimento presente no fervilhar das ruas e no deslocamento dos passantes. Trata-se de assumir a postura metodológica de ver a sociedade nos indivíduos e seu reflexo

em suas vidas. Sinais aparentemente banais como adesivos colados em vidros traseiros de veículos, publicidades, músicas, expressões corporais, cheiros, cores etc. constituem, assim, retalhos do cotidiano, sendo a porta de entrada para análise da relação entre os indícios e os paradigmas que eles evocam.

A idéia do sociólogo do cotidiano inspirado na imagem de um detetive já se faz presente em outra de suas obras. Em livro enfocando o tema da solidão¹, por exemplo, Machado Pais analisa sentimentos de personagens encontrados na rua, capturando a expressividade dos transeuntes anônimos que aparecem invisíveis ao olhar comum. Desse modo, as deambulações sociológicas tornam-se capazes de agregar, pela flexibilidade e pela abertura da investigação não-convencional, as diferentes semânticas e práticas sociais que compõem o universo das vivências cidadinas.

As cidades contemporâneas podem, assim, ser lidas a partir de banalidades do cotidiano, indicando a constância de modelos.

Expressiva da rapidez e do olhar efêmero, a sociedade que emerge desde o final do século XIX substitui o *paradigma da lentidão* pelo *paradigma do encontro*. Trata-se do chamado mal da civilização moderna que aparece nas ambições incessantes, nas viagens apressadas e nas tantas irritações que configuram uma espécie de “doença da cidade”. Essa configuração ampla encontra-se explorada no capítulo que inicia o livro. Na cidade é difícil encontrar-se, argumenta o autor, embora haja muitos encontros.

O *paradigma da lentidão* possui forma. Aparece na maneira de falar, de andar e realizar uma performance no espaço público. Trata-se de uma prática que se encontra aliada à ociosidade típica dos rituais de interação nos meios burgueses no século XIX. As convenções desse período supunham determinadas contenções e gestos, realizados na cadência de uma época histórica na qual era possível “dar tempo ao tempo”. O paradigma tinha também suportes filosóficos e literários, conformando gestualidades e modos de ver o mundo. Em consonância com uma espécie de percepção que deu subsídio à “história das mentalidades”, Machado Pais inspira-se na relação entre percepções e processos sociais. Incorpora ainda

analogias literárias, recuperando autores como Ítalo Calvino que aconselha como método para o trabalho intelectual o princípio da pressa lenta.

Opondo-se ao “paradigma da lentidão”, emerge o “paradigma do encontro”. Nele, se observa a presença de sinais: a desconfiança, a reserva e outros gestos ritualizados da vida social, já sinalizados por Goffman, que são típicos da “desatenção cortês” observada na correria urbana. A cidade torna-se o lugar da pressa e se regula por um mecanismo de intensidade. O movimento supõe também uma semiótica de sinais, as paisagens achatadas, quando observadas de dentro do veículo, capturadas pelo olhar breve, que não se detém. O Sociólogo na condição de observador do cotidiano deveria portanto, na visão de Machado Pais acompanhar esse ritmo imiscuindo-se na multidão, preocupando-se não apenas com o subjetivo e o objetivo, mas o trajetivo.

Uma perspectiva fenomenológica baseada na observação de mensagens, anúncios publicitários, expressões indicadores dos modos de “a cidade se fazer e se dizer” é explorada no capítulo II do livro. Observando a invasão da cidade pelos painéis de publicidade, alunos do curso *Sociologia do cotidiano* ministrado pelo autor, registraram 158 anúncios publicitários, em 20 minutos de trajeto feito a pé, ou seja, 8 anúncios por minuto. Na interpretação de Machado Pais, a publicidade urbana ficciona a cidade, estimulando o mundo da fábula e da arquitetura imaginária. Revela também o caráter fragmentário da vida urbana dominada pela lógica do efêmero.

É nesse contexto que aparece também o “sigalês”, termo inventado por Pais para referir-se ao uso das siglas presentes no mundo moderno, cujo exemplo mais evidente se encontra na linguagem da administração pública expressiva da economia de vocábulos e racionalização das políticas culturais. As siglas contribuem, assim, para a “mitologização” das estruturas, modulando clichês alheios ao cidadão comum, considerando-o um alienado ou um estranho em sua própria cidade.

A polis e a urbes encontram-se dissociadas nas formas contemporâneas da vida urbana, prevalecendo a atenção mais voltada à marca do que ao produto. A reconquista da cidade vivida supõe, por outro lado, a possibilidade de o morador ou observador ser turista

em seu próprio local de moradia, dando-lhe novo sentido, para além da condição de cidadão como consumidor.

Os temas da reflexividade e da ação, expressivos dos dilemas do cotidiano, são enfocados no capítulo III do livro. Baseado em Giddens, Beck e Lash, o autor observa os dramas de uma reflexividade impositiva que além de expressar uma “sociedade de risco” aponta para uma “sociedade dilemática”, na qual as pessoas são impelidas a tomarem decisões baseadas em possibilidades de complexa escolha. O chamado dilema da gravata, por exemplo (qual delas utilizar para apresentar-se em um evento), metaforiza os limites da autonomia face às possíveis perdas de aceitabilidade. As liberdades e os constrangimentos têm como referentes fundamentais o consumo e as demandas de conhecimento e reconhecimento.

A modernidade não pode, entretanto, ser entendida como um empolamento de opções, pondera o autor. Ela está na origem de crescentes diferenciações entre quem pode e quem não pode aceder a realização de identidades projetadas. Nesse contexto, a liberdade subjetiva não deve estar separada de processos sociais mais amplos, pois a reflexividade transformadora se insere em uma temporalidade social.

O capítulo seguinte discorre sobre a cidade, a cidadania e a participação, considerando as possibilidades e os limites da associação entre defesa da igualdade e reconhecimento das diferenças. Observa o autor que as identidades constituem uma construção simbólica que se efetiva em vários planos: no visual, na linguagem e nas formas de comunicação. Nesse momento, são retomadas investigações anteriores sobre as culturas juvenis e suas maneiras de afirmação no espaço público². Os jovens permitem pensar a cidadania não apenas vinculada ao discurso da integração, contemplando também o tema da diversidade.

A noção de cidadania é, assim, alargada para além da forma tradicional concebida com base nos direitos, nas responsabilidades, nas obrigações e prerrogativas. Os sentimentos de pertença e as subjetividades como elementos de análise contemplam o universo dos sentimentos e fantasias, ajudando a compreender os investimentos emocionais dos jovens. À cidadania de novos direitos conquistados,

baseada em necessidades mutáveis da vida, acrescenta-se a cidadania baseada em direitos estabelecidos.

Outras formas de conquista da cidade emergem de usos não-convencionais do cenário urbano, cuja metáfora encontra-se nos *skates* praticados por jovens. Machado Pais, inspirando-se em Deleuze e Guatarri, refere-se à possibilidade de subversão das hierarquias espaciais e linguísticas indutoras de outras vertentes criativas de cidadania.

A “cidadania participada” supõe, nessa perspectiva, fluidez, empatia e trajectividades em oposição à idéia de fixidez e lugar imutável. Uma análise de contextos de vida deveria, portanto, regular sentidos de cidadania comprometidos com dimensões de heterogeneidade e reconhecimento das diferenças.

Seguindo o circuito da busca de criatividade, presente na definição de cidadania analisada nas páginas anteriores do livro, a análise prossegue na reflexão sobre a arte como forma de libertação. Recompõe os pregões, o *rap* e outras experiências, como o projeto *batoto Yetu*, em Cabo Verde, envolvendo crianças e jovens. A ideia de movimento e criação apresenta-se reeditando lendas e capacidade de improvisação dos participantes, assemelhando-se, em certos momentos, à arte do grafite. “O bater, o dançar e o cantar são instrumentos de uma figuração da vida feita de aquarelas de desejo. Superariam essas práticas as vicissitudes da vida?”, indaga o autor.

O projeto vigente em Cabo Verde busca também uma abertura à pluralidade étnica sem abdicar da revalorização do que é desvalorizado: as artes e as expressões consideradas de segunda categoria. Trata-se de uma perspectiva que evoca a arte de improvisação, similar às tradições vigentes no Brasil e em Portugal.

A parte final do livro examina a necessidade de fazer uma distinção entre mudanças materiais e mudanças de atitude, observando alterações de sensibilidade presentes em novas emergências culturais. Uma reflexão sobre a temática das diferenças e das desigualdades é recuperada com base na possibilidade de uma formulação de políticas de identidade.

O conjunto das idéias apresentadas no livro, embora partindo das vicissitudes sombrias da pressa como expressão da sociedade contemporânea, não pautava sua conclusão nas imagens pessimistas sobre

o futuro da sociedade e da cultura. A observação das possibilidades de experiências criativas no contexto urbano deixa em aberto as reconstruções possíveis da vida social.

Do ponto de vista metodológico, ressalto ainda no livro o recurso a fontes documentais não como prova objetiva dos fatos, mas portas abertas à imaginação sociológica. O uso de cartas, as biografias e os vestígios da vida social não são apenas modos de investigar, mas também maneiras de descobrir as mudanças por meio de sinais. Supõe que “o social também muda por efeito da mudança dos imaginários que povoam as fontes documentais, embora não sejam eles suficientes fora das condicionantes estruturais nas quais se produzem lentamente as mudanças de atitude”.

(Recebido para publicação em outubro de 2010.
Aceito em novembro de 2010)

Notas

- 1 Ver *Nos rastros da solidão*, deambulações sociológicas. Porto: Ambar, 2006.
- 2 Ver, por exemplo, *Ganchos, Tachos e Biscates*, jovens, trabalho e futuro. Porto: Âmbar, 2001.